

DALILA, ARTESÃ NATA DA PALAVRA

Antonio Fernandes Neto

Trabalhar a palavra é uma das mais belas artes, só comparável à vivência musical. Dalila Teles Veras desde muito cedo se elegeu artista da palavra, revelando-se notável operária das letras, matéria prima da frase que exprime o pensamento, a ideia, o conteúdo. Bem na linha de João Cabral, de Drummond e de Clarice Lispector, se não fora ela da linhagem de Camões e de Fernando Pessoa, sem dúvida dois dos maiores escritores do idioma português, exaltado por Cervantes como a mais bela das línguas.

Escrevo essas linhas sob o impacto de “Diuurnos”, seu mais recente lançamento, que é o diário de um ano, cuja leitura alterna o previsível com o surpreendente. O seu conteúdo dispensa questionamento do ponto de vista formal, mas ganha densidade quando se analisa a anotação do dia, que funciona como verbete.

Não é obra para se ler com avidez, com olhar pressuroso. Ao contrário, urge capturar o alcance de cada palavra no texto, o seu propósito declarado ou implícito, as sutilezas de autênticos achados literários, o plano escolhido para cada sentença.

A obra termina por revelar muito da consciência da autora, à medida que contém conceitos, juízos de valor, expressa preferências e divergências, nunca ocultando o culto à liberdade e a simpatia pelos mais fracos.

Há momentos maiores e há momentos propositalmente menores, resultado da autenticidade de Dalila, cuja personalidade literária fulgurante não transige jamais com a superfluidade.



Dalila Teles Veras

Ela vai nos conduzindo como se fosse Fellini mostrando Roma. Evoca Sócrates, via Platão, em busca da confirmação da sabedoria; destaca, merecidamente o saber e a erudição de Egard Morin, além de informar o leitor sobre suas opções no universo da música clássica, como eleva e protagoniza, com rara elegância e expertise, o trivial, a beira da praia com todos os seus hábitos, cantos e prazeres.

Convido o leitor a uma deliciosa delibação verbal num pequeno trecho em que Dalila Teles Veras, exibindo a maturidade intelectual de quem despreza o grandiloquente, arrebatada sem preciosismo nem êxtase:

“quinta 28, salvador pousa-da imbassaí, praia do mesmo nome, o rio a misturar-se ao mar, o doce ao salgado, o ócio à rotina. esticar-se ao sol: caranguejo a comer o próprio. cachaça com limão. pantagruel e baco fi-

cariam humilhados com a concorrência.”

O registro “quarta 13 menu do dia:” prendeu minha atenção, forçando demorada pausa para reflexão e merecido reencontro com o tempo passado. Limite-me a reproduzir apenas as primeiras linhas:

“prêmio apca para sacilotto e tide helmeister. orgulho e alegria duplos: da arte e dos amigos, dos quais minhas paredes abrigam obras”.

Tide, com o qual tive grande convivência, foi o mestre da colagem, o criador que usava a reinvenção como rotina, pois na sua capacidade incontrolável de sublimar a própria arte, transmutava os cenários, os objetos, os sentimentos, os anseios e os pecados do mundo com toques de genialidade, que deslumbravam todos os que o conheciam e admiravam os produtos do seu talento.

O belo trabalho da escritora e poeta Dalila Teles Veras acentua o aspecto pedagógico da experiência exitosa do diário, da qual já participaram escritores como Antonio Possidônio Sampaio e Valdecirio Teles Veras (ano de 1999), a testemunhar que estilos e formatos literários não podem ter limites, nem condicionalidades.

Em “Diuurnos”, a prestigiosa autora de “Inventário Precoce” mostrou como a literatura pode ser versátil e fecunda, variando o uso de recursos e técnicas da arte de escrever.

Às vezes, o tom crítico ameno disfarça a sentença de reprovação, noutras lança a inquietação como advertência e sempre alicerça a opinião em sólidos fundamentos lógicos.

Dalila deixa evidente no seu fluente texto que a riqueza e a grandeza do pensamento racional pressupõem, para que penetrem com profundidade na consciência das pessoas, um acervo de conhecimentos, de estudos e de capacitação que considerem, essencialmente, o objetivo supremo da literatura, que só pode ser interpretar a vida para tentar mudá-la, melhorando-a.

Poucos escritores (e escritoras) há que podem ser chamados de artesãos natos da palavra.

Dalila Teles Veras é artesã nata da literatura, construtora de belos edifícios verbais, modelo de devoção à palavra e amor à literatura.

Ela não escreve poesia. Ela vive a poesia. Com a palavra ela faz um pacto pelo engrandecimento da existência humana!

Antonio Fernandes Neto é escritor e jornalista.

100 Edições sem Adriano Nogueira

A edição nº 278 é a centésima que editamos sem o companheiro Adriano Nogueira (1928 - 2004). Seguimos e demos continuidade à linha editorial do jornal que é a divulgação das nossas Letras e do autor brasileiro.

Não importa as dificuldades porque passamos nos 23 anos de existência do jornal. O que realmente importa é que a nossa circulação é ininterrupta e que sempre procuramos manter a qualidade gráfica e editorial, que pode ser comprovada com o corpo de nossos colaboradores.

O espaço é democrático e a prova disso é que publicamos textos de nomes expressivos da nossa Literatura e de autores com pouca e sem divulgação na mídia.

Mas vale lembrar que os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores; bem como os textos veiculados em anúncios.

Agradecemos aos nossos colaboradores e leitores e temos certeza que continuaremos a divulgar a Literatura e os autores brasileiros.

A nossa política editorial é voltada para a defesa da nossa Cultura e expansão das Letras nacionais.

Mindlin, nossa memória

Rodolfo Konder

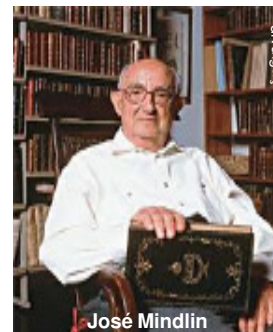
Havia uma grande conspiração em andamento, invisível para a maioria os brasileiros. Ela avançava como uma sombra, armada para dizimar os inimigos desarmados.

Nos porões do DOI-Codi e do Dops, agentes do Segundo Exército, sob a influência direta do general Sylvio Frota, comandavam a repressão. Naqueles anos marcados pela Guerra Fria, os radicais das forças armadas se opunham ao projeto de abertura política que estava sendo desenvolvido pelo Presidente Geisel e pelo general Golbery, que eles consideravam "frouxos" e incapazes de combater a "subversão".

Depois de dizimar as organizações da esquerda mais radical, procuravam demonstrar que os "agentes subversivos" ainda ameaçavam o regime. Com esta finalidade, diziam que até mesmo o governo estava infiltrado. E criavam fatos capazes de deter o processo de abertura.

Alguns jornalistas (eu, entre eles) presos DOI-Codi ouviram uma palestra delirante do comandante, que nos garantia: "a máquina do governo está cheia de agentes infiltrados do serviço secreto soviético".

Naqueles porões sombrios, eles torturaram e mataram o jornalista Vladimir Herzog, que chefiava o jornalismo da TV Cultura, subordinado ao então Secretário de Cultura de São Paulo, José Mindlin. Pretendiam intimidar e derrubar o secretário, para, através dele, atingir o Governador Paulo Egydio Martins. Por quê?



José Mindlin

Porque golpeando o Governador, isolavam e enfraqueciam o Presidente Geisel, muito ligado ao Paulo Egydio. Mas esbarraram na resistência de grande parte da população, revoltada com o assassinato de Herzog. Ali, mudou o sentido das águas do nosso rio.

Naquele momento, naqueles dias tensos, José Mindlin mostrou sua coragem, sua grandeza. Resistiu às ameaças, solidário com o Governador, com o Presidente e com o processo de abertura. Mindlin simbolizava a dignidade, o compromisso maior com a volta da democracia. O processo político, apoiado em homens como ele, avançou.

Sylvio Frota ainda tentou dar um golpe, mas fracassou e foi detido, em Brasília. Aos poucos, o país reconquistou a liberdade. Entre outras lembranças relevantes, a História registra a batalha, a discreta batalha travada por José Mindlin. É preciso não esquecer, porque "somos nossa memória", como disse Borges. E Mindlin faz parte da nossa memória, e, portanto, da nossa alma.

Rodolfo Konder é jornalista, Diretor da ABI em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____
 Estado: _____ Tel.: _____
 E-mail: _____

Depositar: Banco Itaú - Razzari Abou Adal ME - agência: 0211 - conta: 6751846 - CNPJ: 06.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 982 - São Paulo - SP - 03852-080 - Telefone: (11) 2663-6383 - E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br
 Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Razzari Abou Adal (NTE: 10164)
 Rua Herval, 982 - São Paulo - SP - 03852-080
 E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br
 Publicidade: Razzari Abou Adal - Telefone: (11) 2663-6383
 CIPC - 01.824.042/0001-52 - CCM: 8880466 - LE: 103.273.917/119
 Distribuição: Circula no jornal Tribuna Paulista, distribuído em
 firmas, faculdades, profissões, escolas, escritórios, entidades,
 sindicatos, espaços culturais e bibliotecas.
 Impresso nas oficinas de 4 Tribuna Paulista
 R. Trindade, 547 - Pinacoteca - SP - 11400-790

Subscrições, taxas e logo de Envio: www.soni.com.br
 Os artigos e poemas publicados, são de responsabilidade dos autores.
 O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

A ORATÓRIA INTIMISTA

Fábio Lucas

A Oratória teve origem na Oralidade, ou seja, na comunicação mediante sons convencionais emitidos pela boca. A escrita viria depois.

Nas *Confissões*, Santo Agostinho traduz admiração por Santo Ambrósio, capaz de ler em silêncio, sem emitir os sons das palavras. Os costumes da época somente admitiam a leitura em voz alta. A leitura silenciosa viria depois.

Na esfera do sagrado, a fala com os entes superiores, Deus, Maria, Santos e Anjos, denominava-se Oração.

Também constituíam Orações os discursos apologeticos aos donos do poder, Reis, Príncipes, Nobres e Clérigos.

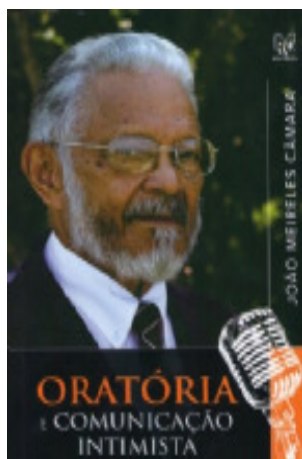
Desde os seus primórdios, a Retórica, a partir do sentido etimológico, refere-se à palavra falada. Tratava-se de uma regulamentação da Oratória. Tinha por finalidade convencer e persuadir, façanha a que se juntou a intenção de deleitar. No apagar da Idade Média, a Retórica se associou à Poética, penetrou na arte e induziu-a ao excesso de ornato. Cumpria ao orador, através da abundância de palavras sonoras, dissimular a ausência de substância.

Mas a Oratória, percorrendo inumeráveis tendências, desde os gregos e os romanos, estratificou-se na grande arte da comunicação e persuasão, entre os seres humanos. Tornou-se instrumento indispensável à propagação de idéias filosóficas, religiosas, políticas, militares e até da própria convivência cotidiana. Con-

cebe-se hoje que, a cada papel desempenhado pelo indivíduo, no complexo contexto da vida de relações, corresponde uma elocução específica, adequada a cada situação. Tudo provém da necessidade de transmitir a palavra e o pensamento.

Na tradição da Oratória, sagrada ou profana, cuidava-se de impostar a voz do orador e adestrá-lo a bem pronunciar os vocábulos, a fim de que a mensagem chegasse aos ouvintes na sua integridade, sem interferências ou equívocos.

Modernamente, com o avanço da tecnologia eletrônica, dispensa-se o atributo da oratória em altos brados, ruidosa, com a finalidade de ser ouvida a distância por todos. É que a Retórica da eloquência abrandou-se, sofreu mudança estilística graças ao tom coloquial, como se as palavras fossem ditas em confiança, na intimidade de um ambiente fechado e exclusivo. O ambiente ideal da comunicação deixou de assemelhar-se a um comício, para equivaler a um comércio afetivo de emoções. Daí nascer a Oratória Afetiva, pela qual se interessa de modo especial João Meireles Câmara, experiente tribuno e didata, autor de vários estudos sobre a matéria e agora de *Oratória e Comunicação Intimista* (São Paulo: Editora RG, 2012).



João Meireles Câmara recapitula a longa história das noções que ilustraram a Oratória e a Retórica, relata experiências bem logradas dos cursos que ministrou e dá testemunho da trajetória do Mutirão Cultural da União Brasileira de Escritores/SP

a partir de 1998, sempre com o propósito de propagar a democracia cultural, humanista, por intermédio da palavra falada, apoiada em fatores comunicativos como postura, linguagem corporal e gesticulação. Todos reconhecem que, na modernidade, a expansão da Publicidade, se contribuiu para a mercantilização de todos os comportamentos, levando à reificação dos valores, por outro lado legou-nos a preocupação com a Linguagem, que deve ser clara, acessível e elegante. Portanto, instauradora da eficiência e da beleza nos atos de informação.

Para os escritores, cuja atividade não se desloca da preocupação estética, bem falar se equipara, no plano das interações, a bem escrever, pois aspiram a comunicar-se e a entender-se nos altiplanos da inteligência humana.

Fábio Lucas é crítico, ensaísta e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Mineira de Letras. Autor de O Poeta e a mídia: C. D. Andrade e J. C. de Melo Neto.

Hino Nacional

Rosani Abou Adal

Oh, Brasil!
Salve a ecologia
sem terra Natal,
berço e nação.
- O símbolo e pendão
sonham com a paz.

Oh, Brasil!
Matas virgens
foram violentadas
O sangue clorofílico
embriagou-se em agrotóxicos.
Folhas, furtos e legumes
atenuaram-se do sabor natural.

Oh, Brasil!
Baleias embelezam-se
com o batom fabricado
do óleo das companheiras
e aplaudem o espetáculo
das grávidas cantando
o Hino Nacional do Parto
com o arpão fincado nas costas.

Oh, Brasil!
Rios sólidos liquefazem-se
nas mil milhas marítimas.

Oh, Brasil!
O verde jaz
nas serras e machados
as flores amarelas murcharam,
as brancas devastadas.

Oh, Brasil!
O azul do mar conclama
O Azul conclama.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, publicitária.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS
- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES -
CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

CAMINHOS DE BICICLETA

Ely Vieitez Lisboa

Tenho procurado conhecer toda a vasta obra da grande escritora Raquel Naveira, um dos talentos literários mais versáteis da literatura brasileira atual. Ela trabalha com maestria os gêneros prosa e verso. Caminhos de Bicicleta, (Miró Editorial Ltda. , 2010) é um livro fascinante. Nada mais adequado que citar as palavras sábias, no final do Prefácio da famosa escritora Renata Pallottini, apresentando a obra. "Caminhos de Bicicleta: caminhos simples, mas trabalhados.

Exercício e resultado, visão de mundo, acréscimo e objetividade. Um livro enriquecedor, multiforme, digno, vale a pena, e o leitor confirmará esta suspeita".

Cada subtítulo é, inicialmente, uma crônica, seguida após, por um poema sobre o tema abordado. O primeiro texto é um apanhado criativo e variado do que é ganhar uma bicicleta. Sob a ótica lírico-filosófica de Raquel Naveira, a bicicleta é mais uma vara mágica, um documento de emancipação, descoberta poética, ritual de passagem, a mais pura alegria. Como muito bem observa Renata Pallottini: "O modo de tratamento escolhido para esta seleção é subjetivo; trata-se do que marcou os dias da escritora; tudo é valioso, tudo pode ser motivo de divagação e de escavação na terra da ideia. Raquel não despreza nenhum assunto e não estabelece critérios. Tanto vale a origem de uma palavra fundamental em seu próprio nascimento, quanto o louvor a um herói, a um poema, a uma fadista".

Muito já se estudou, na literatura, sobre o olhar novo, a outra roupagem que o escritor cria, para temas já abordados inúmeras vezes. A alusão, por exemplo, à obra O Pequeno Príncipe, de Exupéry, famosa no mundo todo, traduzida em muitas línguas, peça teatral, filme, surge aos olhos de RN, na crônica e no poema, como algo original e mais universal. Assim é também quando ela aborda os Mitos, tema recorrente em suas obras. Raquel consegue sempre um enfoque novo.

Em uma mistura aparentemente complexa, nossa Musa de Campo Grande ousa cantar também poetas famosos, de hoje e do passado, cidades, locais públicos e figuras im-



Raquel Naveira

portantes da política nacional, como Getúlio Vargas. Quando fala do grande estadista, usa a sugestiva figura de linguagem da preterição, fechando a crônica com a citação da famosa frase da carta-testamento.

A ousadia literária da autora enriquece os textos com uma linguagem conotativa rica, faz incursões ao passado, quando encontra e conversa com Rui Barbosa, ou comenta o romance premiado de Luiz Ruffato, Eles Eram Muitos Cavalos, inspirado no famoso poema Dos Cavalos da Inconfidência, de Cecília Meireles. Há também crônicas dedicadas a mulheres notáveis, escritoras, escritãs, poetisas, almas gêmeas em essência, da autora.

Partindo de um seriado americano que marcou sua infância, Raquel aborda o tema da Feiticeira: "Nós, mulheres, temos ligações com as forças ocultas e com os espíritos (...), fada druidica, sacerdotisa, sibila de todas as criaturas, filhas de uma longa história registrada em nossa psique". Neste e em outros textos, realça-se um erotismo lírico, que me encanta sobremaneira, a mim, com dois contos sobre este tema, em A Senhora das Sombras, cuja primeira edição é de 1994.

E seguem os caminhos de bicicleta de RN, trilhas reais e surrealistas, encontro com Cidades, rios, recriação de episódios históricos, figuras míticas, escritores famosos como a emblemática Rosália de Castro, a Galega, mergulhos corajosos nas regiões abissais da própria Raquel, neste livro de uma riqueza ímpar, aureolado de grande talento.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
elyvieitez@uol.com.br

A presença do Latim -1

José Cavalcante Souza

Dois registros de crônica de Carlos Heitor Cony na Folha de São Paulo. *Data venia* /Com a devida licença.

A língua latina, que poderia hoje ser a nossa segunda língua falada e escrita, foi simplesmente declarada morta. Mas quem a matou? Morreu de quê? Morreu de verdade? Quem morreu fomos nós quando, submissos às imposições ditatoriais dos currículos escolares e acadêmicos, passamos ao largo de todo o universo linguístico e cultural greco-latino, base da nossa civilização ocidental.

Mas nem tudo está perdido e esquecido. No início deste ano, de 15 de janeiro a 1º de abril de 2012, houve no MASP, a grande exposição de arte romana: "Roma - A vida e os imperadores", o mais significativo testemunho de que a memória de nossos ancestrais está viva e bem presente em nosso meio. O que aqui pretendemos é, sobretudo, chamar a atenção para os registros de frases em latim, nas crônicas de Carlos H. Cony, na Folha de São Paulo e particularmente para a crônica de cinco de agosto, *Data vêniam*.

Nesta crônica, o autor faz referência ao processo do mensalão, de que, acredito, já tenham ouvido falar, declarando seu respeito pela ação do Supremo Tribunal Federal no julgamento daquele processo e de outros decorrentes da repressão do golpe de 1964. Mas o tema de sua crônica é a prolixidade da linguagem jurídica, em que há "gorduras demais" e "pouca economia verbal". Na verdade, a característica da expressão enxuta do ilustre cronista da Folha, além de seu estilo e prática jornalística, advém do uso frequente que faz da fraseologia latina do que na crônica de 5 de agosto há dois exemplos:

- *data venia* - com a devida licença;

- *intelligentibus pauca* - para os inteligentes basta pouco; a bom entendedor meia palavra basta.

Para um melhor entendimento vejamos alguma noção da gramática latina contida nas duas frases:

- *venia, ae*, 1ª declinação. Palavra dicionarizada em português. Significa licença, graça, permissão, favor.

- *Intelligentibus*, de *intelligens, intelligentis*, 3ª dec., dativo em -ibus. Corresponde ao nosso objeto indireto. No singular teríamos *intelligenti pauca*. Esta forma é a que se encontra no **Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas**, de Renzo Tosi, Martins Fontes, 1996. *Pauca* é um substantivo neutro, no nominativo plural. Para traduzir esta forma neutra, marcada pelo -a, em português, sempre se recorre à palavra **coisa** no plural. , v.g. (verbi gratia), por exemplo: Juvenília, coisas da juventude.

A função literária destas expressões, na crônica de Cony é, sem dúvida, de grande importância por-

que de forma consciente ou não, o autor utiliza um recurso novo de expressão linguística, que causa certo estranhamento de linguagem, eficiente no texto literário mas sobretudo as expressões latinas nele utilizadas dão mais concisão ao texto bem como evita o em-

prego de uma metáfora morta ou bordão da linguagem cotidiana. : a bom entendedor meia palavra basta. . Tudo no mundo depende da comunicação e a comunicação linguística, com o apoio do latim, resulta muito mais concisa e criativa.

P.S. Post scriptum

"**Resumo.** Autor de mais de 80 livros, Carlos Heitor Cony volta à narrativa memorialística ao relançar livro sobre JK e a ditadura militar. Nesta entrevista, concedida a dois repórteres e um romancista carioca como ele, o colunista da Folha fala de livros, futebol, política e jornalismo. Leia a íntegra em folha.com/ ilustríssima Também Folha, domingo, 16/9/2012, Ilustríssima p.4 e 5. Valete, *optimi Lectores* / Saúde, caros Leitores.

José Cavalcante - Doceo linguam latinam/Aulas de latim:
cavalcante.jose@uol.com.br



SUTILEZAS IMANENTES

Caio Porfírio Carneiro

O curto poema que a autora expõe na contra-capa da obra é quase a imanência da projeção poética do livro todo, para não dizermos de toda a sua potencialidade criadora, desde a sua estréia em 1999, com *Ao redor das horas*. Muito do aparente, sempre bem construído, vem a ser o espelho que se desdobra em reflexões e cambiâncias que surgem das entrelinhas poéticas.

Tome-se qualquer poema de *Imanências* (All Print Ed., 2012) e se pensará que dele não vem, de pronto, surpresas imediatas, porque a leveza poética da autora é instintiva, sutilmente descritiva, jogando à subjacência uma como visão surpreendente e sentida.

Maria de Lourdes Alba não foge dos meios-tons. Do amor à desesperança, da esperança à constatação do desencanto social, da alegria à dor, da saudade à benquerença, mantém-se, em surpresas diversas, como em tempo de espera, integrada à vida, tudo vendo e sentindo o que constata e contacta e o que vê nas sombras do imediatamente aparente.

Tópicos da sua imanência poética trazem ao vivo simbologias que a unem à Solidão, no seu sentido cósmico; ao Amor de apego imediato ao de unção eterna; da plenitude de uma lembrança imorredoura à quietude do silêncio. Eis porque os sentimentos maiores



da sua sensibilidade são sempre postos e expostos ao longo de versos e estrofes que lembram (lembram, apenas) painéis variados da vida vivida, sentida e constatada. Tal como afirma Hugo Pontes, na segunda orelha do livro: "... encontra-se um conjunto de poemas cujo tema se volta para o cotidiano da vida do ser humano." E como constata Arine de Mello Jr. na apresentação: "*Tudo mostrado com grandeza espiritual rara.*"

Se é assim surpreendente, surpreende mais ainda nos poemas curtos, nos livres versos soltos. Eis um exemplo: "*A ressaca resseca a alma.*" Um verso apenas, de latejância infinita.

Outro mais: "*A sedução se faz num momento/ A lembrança se faz eterna.*"

Eles — os exemplos — se sucedem continuados, inclusive nos poemas longos ou na prosa poética, porque a linguagem da poetisa não desborda nunca da sua essencialidade no ver-se-ja. Toda ela vem pontilhada de voleios simples e intrinsecamente mágicos, plena de achados deslizantes nas entrelinhas. Pulsam imediatamente aos olhos do bom leitor e eternizam estas criações, aparentemente tão simples mas nada fáceis de virem a lume. A não ser por mão e talento vívido de poetas filhos dos deuses. Como esta.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Luz e Sombra

Fernando Jorge

O livro *Luz e Sombra* prova que Rodolfo Konder é um dos grandes escritores do Brasil, dotado de um pungente talento literário, cujos textos estabelecem imediata comunhão com o leitor. Prova mais uma vez...

Sou um leitor voraz, canibalesco, devoro livros como os antropófagos devoram a carne humana, e me sobra autoridade para dizer isto, pois li os contos envolventes de *De volta os canibais*, a novela *O veterano de guerra*, as crônicas de *Hóspede da solidão*.

Saborosas as evocações do Glauber Rocha, do Freitas Nobre, do Evandro Lins e Silva, da Lygia Fagundes Telles e de outros personagens de Luz e sombra, a tela em forma de livro de um Rembrandt da moderna literatura brasileira.



Eu o admiro também por causa da sua alma superior incapaz de cometer qualquer ato mesquinho. Sob tal aspecto, Rodolfo Konder se assemelha a André Maurois, o percuciente biógrafo de Balzac, assim retratado pela pena de Henry de Montherlant:

"Todo o mundo, imagino, falará da imensidade do homem, que não sucumbia ao joguinho dos coices, tão fácil quando se têm fatos... Não conheço um livro seu que seja desinteressante, tinha-se a impressão de que poderiam escrever sobre tudo com a mesma inteligência..."

Sim, como André Maurois, o escritor Rodolfo Konder nunca produziu um livro desinteressante e nunca sucumbiu "ao joguinho dos coices, tão fácil quando se têm fatos."

Fernando Jorge é escritor, jornalista, historiador, crítico literário, biógrafo, dicionarista e autor de *Cale a boca, jornalista!*

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

- 1- Abaixo ou a baixo?
Resp.: Abaixo – embaixo, sob.
Sua classificação foi abaixo da média.
a baixo – para baixo, até embaixo.
Eles puseram a casa a baixo.
- 2 – Preencha as lacunas e escolha a alternativa correta.
Elas queriam _____ sorvete, _____ não deram, pois acham que elas são _____.
a- mas, mas, más
b- mais, mais, mas
c- mais, mas, más

- d- mais, mas, mas
- e- mais, mais, más
Resp.: a alternativa c.
Mais = opõe-se a menos
Mas = porém, contudo
Más = opõe-se a boas
- 3 - Um milhão de pessoas já chegou ou chegaram?
Resp.: Chegou – chegaram.
O verbo pode ficar no singular ou plural.
- 4 - Fui eu que fiz ou fez o relatório?
Resp.: O correto é fui eu que fiz o relatório.
Quando o sujeito for que, o verbo deve concordar com o antecedente.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infante-Juvenil* pela Universidade de São Paulo.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Triste fim de Bili!

Andreia Donadon Leal

Hoje o sol desapareceu do alto do firmamento, para dar lugar à bruma, que escondeu, sem cerimônias, montanhas, plantações e paisagem em seus flocos de algodão... Não sei dizer se o tempo nebuloso surgiu para compactuar ou para compor pano de fundo, para o triste fim de Bili! Talvez...

Bili não acordou, como de costume, a vizinhança com sua algazarra brejeira diuturna. Ele emudeceu-se, quando a névoa rompeu o negrume no céu pela manhã. Um cheiro forte entrou pelas frestas das portas e das janelas da vizinhança, junto ao silêncio gutural e seco desta manhã nebulosa e triste.

Talvez, o responsável por Bili o tenha levado em uma de suas longas viagens e esqueceu alimentos, que se putrefaram fora da geladeira. Talvez, o responsável por Bili, levou-o para passear na rua. Talvez, o aparente sumiço dele, de suas peraltices, de sua terna alegria e recepção calorosa aos vizinhos e aos amigos conhecidos, sejam provisórios.

Mas, Bili era moleque demais para ficar mudo, se estivesse em casa, em situações normais. Ele tinha humor e docilidade invejáveis. Talvez, então, Bili fora sequestrado à noite ou quando dava seus passeios rotineiros pelas ruas, despreocupado, cabeça erguida, porte elegante, orelhas em pé e um sorriso maroto nos olhos cor de mel. Os olhos de Bili eram tão bonitos e vivos, que pareciam de vidro. Olhar que captava

luzes refletidas dos objetos e raios luminosos, vindos do infinito à sua volta.

Bili silenciou-se diante do imponderável e do imprevisível. O sumiço e o cheiro forte alertaram os vizinhos, de que alguma coisa estava errada, no lar de Bili. Chamaram viatura policial. Arrombaram a porta. Chamaram por Bili. Um grunhido veio da cozinha. Bili estava deitado ao lado de seu amigo caído no chão sem vida. Levaram o morto... Bili gemeu de sofrimento e de fraqueza, com seus olhos de vidro quase apagados, quando retiraram o corpo de seu campo de visão. Fizeram massagem em Bili, que respirava com dificuldade... Tentaram, em vão, dar água para ele. Bili olhou para mim, projetando sofrimento e névoa espessa do fundo de seus olhos. Sua íris dilatou-se com a pouca luminosidade do ambiente escuro e fechado. Um último suspiro...

Logo que Bili e seu amigo foram levados, a névoa se desmanchou no horizonte, para dar lugar ao sol, que projetava raios de muita luminosidade. A íris de Bili não diminuiria, nem aumentaria... Não era mais possível admirar o olhar de vidro de Bili, que sabia captar luzes e raios luminosos à sua volta.

Triste fim de Bili? Triste fim dos olhos de vidro que enxergavam além da montanha nebulosa...

Andreia Aparecida Silva Donadon Leal - Deia Leal é Mestre em Literatura (cultura e sociedade) pela Universidade Federal de Viçosa e editora do Jornal Aldrava Cultural - www.jornalaldrava.com.br

ATLÂNTICO

Emanuel Medeiros Vieira

Imperfeitos,
singraram o Atlântico,
mãos ansiosas, mapeando novas terras,
bússolas afetivas,
acalentando sonhos distantes,
peles queimadas,
gosto de sal na boca
(tanto mar, tanto mar),
febre, malária, fibra e pranto.

Na cadeira de balanço –
depositário da memória da tribo,
contemplo a caravela de madeira, pai, mãe,
tio
violinista,
um agregado louco,
penso no Atlântico,
velas ao vento,
astrolábios,
à beira do poço do passado,
que não passa nunca,
imamente no presente.

Mas proclamo – celebrante –
“terra à vista, terra à vista”.
(Alvíssaras!)

**Emanuel Medeiros Vieira é escritor,
poeta, jornalista e crítico.**

Ajudem a ong



Os animais agradecem

www.viralataedez.com.br



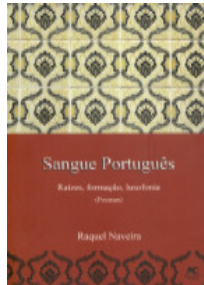
Quadrante - Duas 2ª edição
Lugar: Rua do Comércio, 100 - Centro, em São Paulo
Todos os direitos de reprodução são reservados
Informações pelo telefone (11) 50710222



Lançamentos & Livros

Sangue Português - Raízes, formação, lusofonia, poemas de Rquel Naveira, Arte e Ciência Editora, São Paulo, 129 páginas. A autora é escritora, professora, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo/SP, e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. A obra reúne poemas, acompanhados de notas explicativas, que expõem a pesquisa multidisciplinar que fundamentou os versos e elucidam os motivos tratados. A segunda parte da obra traz poemas de acentos filosóficos e de cultura humanista e mítica.

Arte Ciência Editora: www.arteciencia.com.br



Crônicas de Maria Helena, de Maria Helena Aguiar Corazza, Editora Degáspari, Piracicaba, 192 páginas.

A autora é escritora, colunista do Jornal de Piracicaba e presidente da Academia Piracicabana de Letras.

A obra reúne crônicas que abragem diversos temas do cotidiano e foram publicadas no Jornal de Piracicaba nos anos de 2007 a 2011. O prefácio é de Marly Therezinha Germano Pereccin e a apresentação é de Camila Camargo Corazza, neta da autora.

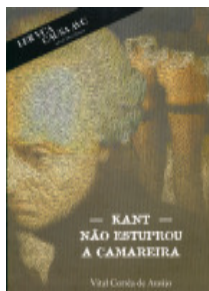
Degáspari: editoradegaspari@hotmail.com

- **Kant - Não Estuprou a Camareira**, poemas de Vital Corrêa de Araújo, Edições Bagaço, Recife (PE), 133 páginas.

O autor é poeta, escritor, jornalista, advogado, professor, tradutor, especialista em Jorge Luís Borges e ex-residente da União Brasileira de Escritores de Pernambuco.

Segundo Sébastien Joachim, Vital Corrêa de Araújo consagra boa parte de sua obra a tematizar ostensivamente a negatividade e a metáfora. A sua intenção é derrubar o significado."

Edições Bagaço: www.bagaco.com.br



Memórias ao ar Livre, poemas de Maria Lúcia López, Grupo Editorial Beco dos Poetas & Escritores, São Paulo, 75 páginas.

A autora é escritora, poeta, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e diretora da Academia de Letras dos Professores.

Segundo Pedro Paulo Filho, Maria Lúcia López pode até não se submeter à escravidão da rima, métrica e ritmo, mas guardará para sempre a forma da criatividade e as cores da perenidade.

Beco dos Poetas: www.becodospoetas.com.br

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Notícias de Piracicaba

O 12º Prêmio Escriba de Poesias, promovido pela Prefeitura do Município de Piracicaba, através da Secretaria Municipal de Ação Cultural (Semac) e Nupec (Núcleo de Projetos Educativos Culturais), realizou solene de entrega dos prêmios no dia 20 de outubro.

O primeiro colocado foi João Candido dos Santos Rodrigues, com *Lavando o pão de cada dia*; em segundo, Luiz Kifier, com *Cecogramas*; e, em terceiro, *Diário de um jardim de papel*, de Jacqueline Lopes Salgado Soares.

Esio Antonio Pezzato, *Silêncio*, foi agraciado na categoria Melhor de Piracicaba. Levi Mota Muniz, com *Ser e não ser*, foi premiado na categoria Melhor de 15 a 17 anos.

Marisa Bueloni foi selecionada para a antologia.

Ana Isabel Gomes Fusaro recebeu diploma e tomou posse como membro do Clube de Escritores Piracicaba, para ocupar a cadeira nº 2 - Área Letras - patrono Humberto Aldrovandi.

O Sarau Literário Piracicabano, promovido por Ana Marly de Oliveira Jacobino, será realizado no dia 13 de novembro, às 18h30, terça-feira, no anfiteatro da Biblioteca Municipal de Piracicaba.

Os homenageados serão o compositor e instrumentista Baden Powell e o compositor e multinstrumentista Marcos Moraes.

De Corpo e Verde, poema de Rosani Abou Adal, foi publicado na agenda cultural de setembro do Sarau Literário Piracicabano.

Ivana França de Negri e Ludovico estão publicando resenhas de livros na seção *O que você está lendo*, na página *Prosa e Verso* da *Tribuna Piracicabana*.

Os artigos são publicados semanalmente na coluna e depois são postados no Blog do Golp.

Os interessados deverão encaminhar textos e uma foto. <http://golp-piracicaba.blogspot.com.br/search/label/O%20que%20voc%C3%AA%20est%C3%A1%20lendo%3F>

Concursos Literários

Prêmio Literário Fundação Biblioteca Nacional 2012 está com inscrições abertas até o dia 17 de novembro.

Categorias: Prêmio Alphonsus de Guimarães, de Poesia; Prêmio Machado de Assis, de Romance; Prêmio Clarice Lispector, de Conto; Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, de Ensaio; Prêmio Paulo Rónai, de Tradução; Prêmio Aloísio Magalhães, de Projeto Gráfico; Prêmio Sílvia Orthof, de Literatura Infantil; Prêmio Glória Pondé, de Literatura Juvenil.

Os interessados poderão inscrever livros publicados no Brasil, no período de 1 de setembro de 2011 a 31 de agosto de 2012, desde que estejam em dia com a Lei do Depósito Legal (Lei n.10.994, de 14 de dezembro de 2004) e que possuam número de ISBN (International Standard Book Number).

Premiação: Os recursos disponíveis para o Prêmio Literário são no valor de R\$ 100 mil.

Informações: Tel.: (21) 2220-3040, ramal 2216.

ecomniadolivro@bn.br

Edital: www.bn.br

IV Prêmio Nacional Ideal Clube de Literatura 2012 - Prêmio Eduardo Campos, promovido pelo Ideal Clube, está com inscrições abertas até o dia 23 de novembro.

Categoria Obra Inédita: Os interessados (residentes em todo o território nacional) poderão inscrever um livro de contos com no máximo 120 páginas.

Premiação: 1º lugar: R\$ 30.000,00.

Categoria Textos Inéditos: Poderão inscrever-se candidatos cearenses, residentes em qualquer parte do território nacional, e não cearenses residentes no Estado do Ceará.

Premiação: 1º lugar R\$ 3.000,00. Informações: Tel.: (85) 3248-5688 (das 8 às 12h.).

Regulamento: <http://www.idealclube.org.br>

Notícias



Xavier

Xavier foi laureado em primeiro lugar no Salão do Humor de Guairá, com a caricatura do Adoniran Barbosa. Xavier é o criador do logotipo e dos selos do jornal *Linguagem Viva*.

Vestígios, vernissage de Xavier, com a curadoria de Oscar D'Ambrosio, que ficará em cartaz de 12 a 30 de novembro, na Reitoria da Unesp, Rua Quirino de Andrade, 215, em São Paulo. Tel.: (11) 5627-0327.

Fernando Jorge lançou *Drummond e o Elefante Geraldão* pela Editora Novo Século. A obra registra o diário das conversas que o autor teve com Carlos Drummond de Andrade durante 30 anos.

Maria de Lourdes Alba lançou *Imanências*, pela Editora All Print, no dia 30 de outubro, das 18h30 às 21h30, na Livraria Martins Fontes, Av. Paulista, 509, estação Brigadeiro do metrô, em São Paulo.

Raquel Naveira realiza roda de leitura da poeta Florbela Espanca no dia 8 de novembro, das 19 às 30h30, na biblioteca do Clube Português - Centro de Estudos Luís de Camões, Rua Turiassú, 59, em São Paulo. Raquel também proferirá a palestra *Ricardo Reis: o heterônimo humanista de Fernando Pessoa*, no dia 22 de novembro, às 19h30. Tel.: (11) 3663-5953.

Antonio Miranda, representante do Brasil no COSMÓPOLIS - maior festival de poesia e cultura da Espanha - participou de várias atividades e lançou *Círculos*, antologia biíngue de seus poemas em português e castelhano. http://www.antoniomiranda.com.br/obras_publicadas/circulos.html

A Academia Brasileira de Letras inaugurou a exposição *Eduardo Portella – quatro vezes vinte*, em homenagem aos 80 anos do acadêmico Eduardo Portella, que ficará em cartaz até 9 de novembro.

Mo Yan, escritor chinês, autor de *Life and Death are Wearing Me Out: a Novel*, foi laureado com o *Prêmio Nobel de Literatura*.

Youngsuk "YS" Chi foi reeleito presidente da Associação internacional dos Publishers para o biênio 2012/2014.

Antônio Delfim Netto foi agraciado com o prêmio *Professor Emérito CIEE/Estadão 2012 – Troféu Guerreiro da Educação*. A láurea foi entregue no dia 15 de outubro.

Vera Ferreira, neta do Lamião - Virgulino Ferreira -, quer uma indenização de R\$ 2 milhões do juiz Pedro de Moraes, autor do livro *Lamião, o Mata Sete*, por danos morais e por lançado o livro na II Bienal de Salvador. A obra, que nutre o rei do cangaço era gay, havia sido proibida de ser vendida conforme liminar expedida pelo juiz da 7ª Vara Cível de Aracaju, Aldo Albuquerque.

A Fundação Dorina Nowill promove o curso *Braille para educadores - apoio essencial em sala de aula*, pelas pedagogas Edni Fernandes da Silva e Valéria Bromowicz Rodrigues, nos dias 24 de novembro, 1 e 8 de dezembro, das 9h às 18h. Tel.: (11) 5887-0981.

Ana Maria Machado foi laureada com o *VIII Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil* pelo conjunto da sua obra para crianças e jovens. O Prêmio é promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Lumens, antologia organizada por Andreia Donadon Leal, receberá o Prêmio Walmir Ayala, promovido pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, no dia 26 de outubro de 2012, às 15 horas, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

As bibliotecas do Embarque na Leitura, que funcionam nas estações de metrô e trem, encerrarão as atividades no mês de outubro. Apenas ficará em funcionamento a biblioteca da Estação Paraíso.

O Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, que será realizado nos dias 21, 22 e 23 de novembro, no SESC Pinheiros. <http://www.bibliotecaviva.org.br/>

Jorge Tufic, com a obra *Quando as noites voavam*, foi agraciado com o Prêmio Raul Bopp da União Brasileira dos Escritores do Rio de Janeiro. A solenidade de entrega da láurea está marcada para o dia 26 de outubro na Academia Brasileira de Letras.

O Prêmio Portugal Telecom divulgou os quatro finalistas de cada categoria. Os curadores foram Selma Caetano (coordenadora), José Castello (curador de literatura brasileira), Madalena Vaz Pinto (curadora de literatura portuguesa) e Tania Celestino de Macedo (curadora de literaturas africanas). Resultado: www.premioportugaltelecom.com.br/

Edson Amâncio lançou *Diário de um médico louco*, pela LetraSelvagem, na Pinacoteca Benedito Calixto, em Santos.

O Instituto C&A está com inscrições abertas para a seleção de projetos de promoção da leitura até o dia 28 de novembro. Edital: <http://www.institutocea.org.br/>

Geraldo Alckmin, governador do Estado de São Paulo nomeou Julio Cezar Durigan reitor da Unesp e, como vice-reitora, Marilza Vieira Cunha Rudge, com mandato de 4 anos. A posse será no dia 11 de janeiro de 2013, no Memorial da América Latina.

A Exposição História da Bíblia ficará em cartaz até o dia 14 de novembro, de segunda a sexta, das 10h às 20h, e aos sábados, das 10 às 17 horas, no Centro Histórico Mackenzie, Prédio 01, Rua Maria Antonia, 307, em São Paulo.

O Brasil será o convidado de honra na Feira de Frankfurt 2013. A ministra da Cultura, Marta Suplicy, e o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, assinaram portaria interministerial que cria o comitê organizador para coordenar a participação do Brasil na feira.

Carlos Nelson Coutinho, escritor, ensaísta, tradutor e um dos maiores intelectuais comunistas, faleceu no dia 20 de setembro, vítima de câncer. Carlos Nelson e Leandro Konder foram responsáveis pelas primeiras traduções de obras do marxista húngaro G. Lukács.

O Atlas e Mapa do Cartógrafo Miguel Antônio Ciera, único exemplar do mundo editado em 1758, que faz parte da Divisão de Cartografia da Fundação Biblioteca Nacional – FBN/MinC, foi escolhido pela Unesco para integrar o patrimônio da seção brasileira da Memória do Mundo.

Ronaldo Cagiano e Whisner Fraga lançaram a novela *Moenda de silêncios – Encontros & desencantos na metrópole*.

Jeanine Pires foi nomeada pela ministra da Cultura Marta Suplicy para assumir a Secretaria Executiva do Ministério da Cultura.

Graciliano Ramos será o homenageado da 11ª Festa Literária Internacional de Paraty, que será realizada entre os dias 3 e 7 de julho de 2013.

Sábado Segredos para Despertar a sua Criatividade, curso ministrado por Armando Alexandre dos Santos, será realizado no dia 10 de novembro, das 9 às 16 horas, na Escola do Escritor, R. Dep. Lacerda Franco, 253, em São Paulo.

A Editora da Universidade de São Paulo, em comemoração aos 50 anos de fundação, realizará o Simpósio Internacional Livros e Universidades, com a curadoria da professora Marisa Midori Deaecto, de 5 a 8 de novembro, no auditório da Biblioteca Mindlin, campus USP, em São Paulo. www.edusp.usp.br/livroseuniversidades/50anos

O Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, será realizado de 21 a 23 de novembro, no SESC Pinheiros, em São Paulo. www.bibliotecaviva.org.br/

LIVRARIA BRANDÃO

Compre-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefone: (11) 3214-3526 - 3214-3847 - 3214-3848 - Fax: (11) 3214-3848
Ramal 29 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 204 - s/l
olifeback@terra.com.br - www.brandaocestantovirtual.com.br